

Mary Shelley

Frankenstein

Tradução de
João Costa

1001
MUNDOS

Os editores das Standard Novels, quando seleccionaram Frankenstein para uma das suas colecções, expressaram o desejo de que lhes fornecesse um relato das origens da história. Agrada-me imenso satisfazer-lhes a vontade, porque poderia assim dar uma resposta geral à pergunta que tão frequentemente me fazem: «Como é que eu, na altura uma jovem, me lembrei – e desenvolvi – de uma ideia tão hedionda?» É verdade que sou muito avessa a expressar-me desse modo por escrito; mas como o meu relato aparecerá só como um apêndice a uma produção anterior e como ficará limitado a tópicos relacionados apenas com a minha qualidade de autora, nem sequer posso acusar-me de intrusão pessoal.

Não causa estranheza que, sendo filha de duas pessoas de distinta celebridade literária¹, eu haja desde muito cedo pensado em escrever. Quando criança, escrevinhava; e o meu passatempo favorito, durante as horas do recreio, era «escrever histórias». Contudo, tinha um prazer ainda mais querido do que este e que era a formação de castelos no ar – isto é, sonhar acordada – seguindo os trilhos do pensamento que tinham como tema a formação de uma sucessão de incidentes imagi-

¹ Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851) era filha de Mary Wollstonecraft, feminista notável, e de William Godwin, publicista e romancista. Em 1816 desposou o poeta Percy Bysshe Shelley (1792-1822), quando este enviuvou. (N. do T.)

nários. Os meus sonhos tornaram-se imediatamente mais fantásticos e agradáveis do que os meus escritos. Neste último caso, eu não passava de uma imitadora servil... preferindo fazer o que os outros tinham feito a aproveitar as sugestões da minha própria mente. O que eu escrevia destinava-se pelo menos a outro olhar – o meu companheiro e amigo da infância; mas os meus sonhos pertenciam apenas a mim; não os relatei a ninguém; eram o meu refúgio quando andava aborrecida – o meu prazer mais querido quando livre.

Enquanto criança, vivi principalmente no campo, e passei um tempo considerável na Escócia. Visitei ocasionalmente os locais mais pitorescos; mas a minha residência habitual ficava nas margens alvacentas e lúgubres situadas a norte do Tay, próximo de Dundee. Alvacentas e lúgubres lhes chamo retrospectivamente; na altura não as considerava assim. Eram o ninho da liberdade e a região agradável onde, ignorada, eu podia conviver com as criaturas imaginárias. Então eu já escrevia... mas num estilo muito vulgar. Era debaixo das árvores dos terrenos pertencentes à nossa casa, nas encostas tristes das montanhas áridas mais próximas, que as minhas verdadeiras composições, os voos airosos da minha imaginação nasceram e se inspiraram. Eu não me fiz a heroína dos meus contos. A vida parecia-me um caso demasiadamente banal quando encarada pela minha. Não podia imaginar que angústias românticas ou acontecimentos maravilhosos me chegassem alguma vez a acontecer; mas não estava confinada à minha própria identidade e podia povoar as horas com criações muito mais interessantes para mim naquela idade do que as minhas próprias sensações.

Depois disto, a minha vida tornou-se mais ocupada e a realidade tomou o lugar da ficção. O meu marido, porém, mostrou-se desde o início muito ansioso de que eu me mostrasse digna da minha progenitura e me alistasse na página da fama. Estava sempre a incitar-me para que obtivesse reputação literária, o que até me agradava, embora me fosse infinitamente indiferente. Nessa altura, ele desejava que eu escrevesse, não tanto com a ideia de poder produzir algo digno de nota, mas para poder avaliar se eu possuía a promessa de melhores coisas para mais tarde. Apesar disso, nada fiz. As viagens e os

cuidados de uma família ocupavam o meu tempo; e estudar através da leitura ou aperfeiçoar as minhas ideias comunicando com o seu espírito muito mais cultivado, foi toda a actividade literária a que dediquei a minha atenção.

No Verão de 1816, visitámos a Suíça e tornámo-nos vizinhos de Lorde Byron. Ao princípio passámos as nossas horas de lazer no lago ou a passear nas suas margens; e Lorde Byron, que estava a escrever o terceiro canto de Childe Harold², era o único de nós que transmitia os seus pensamentos ao papel. Estes, quando no-los mostrava, revestidos com a luz e a harmonia da poesia, pareciam revelar as glórias do céu e da terra, cujas influências partilhámos com ele.

Mas, este Verão mostrou-se húmido e desagradável, e a chuva incessante obrigou-nos a ficar muitas vezes fechados em casa. Alguns volumes de histórias de fantasmas, traduzidas do alemão e do francês, caíram-nos nas mãos. Havia a History of the Inconstant Lover que, quando pensava abraçar a noiva a quem dedicara os seus votos, se encontrou nos braços do pálido fantasma daquela que tinha abandonado. Havia o conto do pecaminoso fundador da sua raça, cujo triste destino consistia em dar o beijo da morte a todos os descendentes da sua fatídica casa assim que eles alcançassem a adolescência. A sua figura gigantesca e indistinta apresentava-se vestida como o fantasma de Hamlet, com armadura completa, mas com a viseira levantada, e era vista à meia-noite, à luz incerta do luar, avançar lentamente ao longo da sombria avenida. A forma desaparecia na sombra das muralhas do castelo; mas logo um portão rangia, ouviam-se passos, a porta do quarto abria-se e ela avançava para o leito dos jovens profundamente adormecidos. Manifestava-se-lhe no rosto uma tristeza eterna quando se debruçava e beijava a testa dos rapazes, que a partir dessa hora murchavam como flores cortadas. Nunca mais vi estas histórias mas os seus incidentes acham-se tão frescos na minha memória como se os tivesse lido ontem.

² De seu título completo *Childe Harold's Pilgrimage*, este poema, começado na Albânia em 1809, teve os dois primeiros cantos publicados em 1812, o terceiro em 1816 e o quarto em 1818. (N. do T.)

– Cada um de nós vai escrever uma história de fantasmas – disse Lorde Byron, e a sua proposta foi aceite.

Éramos quatro. O autor nobre começou um conto, um fragmento do qual imprimiu no termo do seu poema *Mazeppa*. Shelley, mais dotado para incorporar ideias e sentimentos na radiância de imagens brilhantes, e na música dos versos mais melodiosos que adornam a nossa língua, do que para inventar a maquinaria de uma história, começou uma baseada na experiência dos seus primeiros tempos. O pobre Polidori³ andava com uma terrível ideia acerca de uma dama com cabeça de caveira que recebera este castigo por espreitar pelo buraco de uma fechadura... para ver o quê já não me lembro... mas uma coisa certamente muito chocante e má; contudo ficou reduzida a uma condição pior do que a do famoso Tom de Coventry, não soube o que haveria de fazer com ela e foi obrigado a despachá-la para o jazigo dos Capuletos, o único local para onde podia ir. Os ilustres poetas também, entediados com a platitude da prosa, renunciaram rapidamente à sua desagradável tarefa.

Eu entretive-me a pensar numa história – uma que rivalizasse com aquelas que nos haviam incitado a esta tarefa. Uma que falasse aos medos misteriosos da nossa natureza e despertasse horror arrepiante... uma que fizesse com que o leitor receasse olhar à sua volta, lhe gelasse o sangue e lhe acelerasse as batidas do coração. Se não conseguisse estas coisas, a minha história de fantasmas seria indigna deste nome. Pensei e ponderei... inutilmente. Estava a sentir aquela vazia incapacidade de invenção que é o pior que pode acontecer a um autor, quando o monótono Nada replica às nossas invocações ansiosas. «Já pensaste numa história?», perguntava a mim própria

³ Este «pobre Polidori» – John-William Polidori (1795-1821) – além de médico afamado, foi o criador da personagem literária do vampiro, já com todas as características que a celebrizariam, no conto *The Vampyre*, publicado em Londres no número de Abril de 1819 do *New Monthly Magazine*, por seu turno, o irlandês Bram Stoker (1837-1912) desenvolveu o tema no romance *Dracula* (1897) e contribuiu assim decisivamente para o popularizar de um modo irreversível. (N. do T.)

todas as manhãs e todas as manhãs era forçada a responder com uma mortificante negativa.

Todas as coisas devem ter um começo, para empregar a frase de Sancheana, e esse começo deve achar-se ligado a qualquer coisa acontecida antes. Os Hindus dão ao mundo um elefante para suportá-lo, mas puseram o elefante em cima de uma tartaruga. Invenção, devemos admiti-lo humildemente, não consiste em criar a partir do vazio, mas a partir do caos; os materiais devem, em primeiro lugar, ser proporcionados; pode-se dar forma a substâncias escuras e informes, mas não se pode dar vida à própria substância. Em todas as matérias de descoberta e invenção, mesmo naquelas que pertencem à imaginação, somos continuamente recordados da história de Colombo e do seu ovo. A invenção consiste na capacidade de um tema e no poder de moldar e afeiçoar ideias que lhe foram sugeridas.

Muitas e longas foram as conversas entre Lorde Byron e Shelley, das quais eu fui uma devota mas praticamente silenciosa ouvinte. Durante uma delas foram discutidas várias doutrinas filosóficas e, entre outras, a natureza do princípio da vida e se existiria alguma possibilidade de ele ser descoberto e comunicado. Falaram das experiências do Dr. Darwin (não estou a falar daquilo que o doutor realmente fez, ou disse que fez, mas, mais no meu propósito, do que então se dizia ter sido feito por ele), que guardava um pedaço de aletria num frasco até ela, graças a algum meio extraordinário, se começar a mexer sozinha. Não era assim, afinal, que se dava a vida. Talvez um cadáver pudesse ser reanimado; o galvanismo já tinha dado indícios de tais coisas; talvez as partes componentes de uma criatura pudessem ser manufacturadas, unidas e animadas com calor vital.

A noite já ia alta quando nos fomos deitar e mesmo a hora das bruxas já passara antes de nos retirarmos para descansar. Quando pus a minha cabeça no travesseiro não adormeci nem podia dizer-se que estivesse a pensar. A minha imaginação, sem ser solicitada, possuiu-me e guiou-me, ofertando-me imagens sucessivas que me surgiram no espírito com uma nitidez muito superior aos limites usuais dos sonhos. Vi – de olhos fechados mas com uma visão mental aguda – vi o pálido estudante de

artes profanas ajoelhado ao lado da coisa que acabara de juntar. Vi o hediondo fantasma de um homem distender-se e depois, graças a uma poderosa máquina, mostrar sinais de vida e agitar-se com um ansioso movimento semivital. Assustador deve ser; pois supremamente assustador seria o efeito de qualquer comportamento humano que escarnecesse do estupendo mecanismo do Criador do mundo. O seu êxito aterrorizaria o artista, ele fugiria apavorado da sua odiosa obra. Esperaria que, entregue a si própria, a centelha de vida por ele comunicada se desvanecesse; que esta coisa, que recebera uma tão imperfeita animação, acabasse aluída em matéria morta; e poderia adormecer na crença de que o silêncio do túmulo extinguiria para sempre a existência transitória do hediondo cadáver que ele considerara o berço da vida. Adormece, mas está acordado; abre os olhos; reparai na coisa horrenda junto da sua cabeceira, correndo as cortinas do leito e observando-o com olhos amarelados, aquosos mas especulativos.

Abri os meus aterrizada. A ideia possuía a tal ponto o meu espírito que um arrepio de medo me percorreu e desejei trocar a imagem pavorosa da minha imaginação pelas realidades que me cercavam. Estava a vê-las ali: o quarto, o soalho escuro, as persianas corridas, com o luar a atravessá-las e a sensação de que o lago gelado e os elevados Alpes brancos se encontravam ali atrás. Não conseguia afastar muito facilmente a visão do meu hediondo fantasma; continuava a assombrar-me. Devo tentar pensar noutra coisa qualquer. Tornei à minha história de fantasma... à minha enfadonha e infeliz história de fantasma! Oh, se ao menos conseguisse imaginar uma que assustasse tanto o meu leitor como eu própria ficara assustada naquela noite!

Veloz e alegre como a luz foi a ideia que me ocorreu.

Descobri! O que me aterrorizava irá aterrorizar os outros; e apenas preciso de descrever o espectro que assombrou o meu travesseiro da meia-noite.

Na manhã seguinte anunciei que tinha pensado numa história. Comecei naquele dia com as palavras: «Aconteceu numa noite sombria de Novembro», fazendo apenas uma transcrição dos sinistros terrores do meu sonho acordado.

A princípio pensei em apenas algumas páginas... num conto curto; mas Shelley incitou-me a desenvolver a ideia numa extensão maior. É certo que não fiquei a dever ao meu marido a sugestão de um incidente, nem de um rastilho de sentimento e, contudo, sem o seu incitamento a história nunca teria tomado a forma com que foi apresentada ao mundo. Desta declaração deve exceptuar-se o prefácio. Tanto quanto posso recordar-me, foi inteiramente escrito por ele.

E agora, mais uma vez, espero que o meu rebento hediondo vá por diante e prospere. Sinto afeição por ele, pois foi a progénie de dias felizes, quando morte e sofrimento eram simples palavras que não achavam verdadeiro eco no meu coração. As suas várias páginas falam de muitos passeios, de muitas viagens e de muitas conversas quando eu não estava sozinha; e o meu companheiro era alguém que, neste mundo, nunca mais voltarei a ver. Mas isto é só para mim; os meus leitores não têm nada a ver com estas associações.

Acrescentarei apenas uma palavra às alterações que fiz. São principalmente estilísticas. Não modifiquei nada da história nem introduzi quaisquer novas ideias ou circunstâncias. Alterei a linguagem onde a considerei tão árida que interferia com o interesse da narrativa; e estas alterações ocorrem quase exclusivamente no início do primeiro volume. Estão, contudo, inteiramente confinadas às partes meramente acessórias da história, deixando o seu núcleo e a sua substância inalterados.

M. W. S.
Londres, 15 de Outubro de 1831

PREFÁCIO

O acontecimento em que esta ficção se baseia foi admitido, pelo Dr. Darwin, e por alguns dos escritores fisiólogos da Alemanha, como não sendo de ocorrência impossível. Não se deverá supor que eu concedo o mais remoto grau de fé séria a uma tal imaginação; contudo, admitindo isto como a base de um trabalho de imaginação, não me considerei como uma mera criadora de séries de terrores sobrenaturais. O acontecimento de que depende o interesse da história está isento das desvantagens de um simples conto de espectros ou encantamento. Era recomendado pela novidade da situação que desenvolve e, no entanto, impossível como facto físico, proporciona um ponto de vista à imaginação para o delineamento das paixões humanas mais compreensivo e dominante do que qualquer das normais relações de acontecimentos humanos pode produzir.

Assim, esforcei-me por preservar a verdade dos princípios elementares da natureza humana, pois não hesitei em inovar relativamente às suas combinações. A Ilíada, a poesia trágica da Grécia, Shakespeare em A Tempestade e em Sonho de Uma Noite de Verão, e mais especialmente Milton em O Paraíso Perdido, conformam-se a esta regra; e o romancista mais humilde, que procura conferir ou receber divertimento dos seus trabalhos, pode, sem presunção, aplicar à ficção em prosa uma licença, ou, antes, uma regra, de cuja adopção resultaram tantas requintadas combinações de sentimentos humanos nos espécimes mais elevados da poesia.

A circunstância em que a minha história assenta foi sugerida numa conversa ocasional. Começou em parte como uma fonte de divertimento, e em parte como um expediente para exercitar todos os recursos não experimentados do meu espírito. Outros motivos misturaram-se com estes à medida que o trabalho avançava. Não sou de maneira nenhuma indiferente ao modo como as tendências morais existem nos sentimentos ou como as suas personagens irão afectar o leitor; todavia, a minha preocupação fundamental a este respeito limitou-se a evitar os efeitos enervantes dos romances actuais e exhibir a delicadeza da afeição doméstica e a excelência da virtude universal. As opiniões que naturalmente são emitidas pela personagem e a situação do herói não devem ser concebidas como tendo sempre existido na minha própria convicção; nem deve ser retirada qualquer inferência das páginas seguintes no sentido de prejudicar qualquer doutrina filosófica.

Constitui também matéria de interesse adicional para a autora que esta história tenha principiado na majestosa região onde a cena se situa principalmente e em companhia que não posso deixar de recordar¹. Passei o Verão de 1816 nos arredores de Genebra. A estação revelou-se fria e chuvosa e, ao serão, reuníamo-nos à volta da lareira e ocasionalmente divertíamo-nos com algumas histórias de fantasmas que calhavam a vir parar-nos às mãos. Estes contos excitaram em nós um divertido desejo de imitação. Dois outros amigos (uma história saída da pena de um seria de longe muito mais aceitável para o público do que qualquer coisa que eu possa ter a esperança de produzir) e eu própria concordámos em que cada um escrevesse uma história baseada em alguma ocorrência sobrenatural.

¹ Também dessa companhia não se esqueceu John Cam Hobhouse (1786-1869), político e amigo de Lord Byron, que lhe dedicou o V Canto de *Childe Harold*, cujas notas foram, aliás, escritas por ele; e no seu diário exarou a indelével lembrança: «Dos cinco jovens que se reuniram na Villa Diodati, em Genebra – Polidori, Shelley, Byron, Scrope Davies e eu próprio – o primeiro suicidou-se [por causa de uma dívida de honra], o segundo morreu afogado, o terceiro foi morto pelos médicos, o quarto está no exílio...» (N. do T.)

O tempo, todavia, ficou subitamente sereno; e os meus dois amigos abandonaram-me para fazerem uma viagem pelos Alpes e perderam por completo, nas magnificentes cenas que apresentaram, a memória das suas visões fantasmagóricas. A história seguinte é a única que foi completada.

Marlow
Setembro de 1817

Primeiro Volume

Primeira Carta

Para Mrs. Saville, Inglaterra.

Sampetersburgo, 11 de Dezembro de 17..

Vais alegrar-te por saber que o começo da aventura que tanto temias decorreu muito bem.

Cheguei aqui ontem, e o meu primeiro cuidado é tranquilizar-te, minha querida irmã, sobre a minha saúde e a minha confiança crescente no êxito do meu empreendimento.

Encontro-me já longe de Londres; enquanto caminho pelas ruas de Sampetersburgo, sinto a brisa fria do Norte acariciar-me o rosto e isso reforça-me a coragem e enche-me de alegria. És capaz de compreender uma tal sensação? Este vento, que vem das regiões para onde me dirijo, proporciona-me um antegosto do seu clima gelado. Pleno de promessas, inspira os meus sonhos, que se tornam mais ardentes e mais vivos. Tento em vão persuadir-me de que o Pólo é a região do frio e da desolação; imagino-o sempre como uma terra de beleza e alegria. Aí, Margaret, o Sol é sempre visível, o seu disco imenso, que borda o horizonte, espalha um esplendor eterno. Aí, acreditando nas narrativas dos navegadores, foram banidos a neve e o frio e, vogando num mar calmo, podemos ser levados para uma terra que ultrapassa em maravilhas todas as regiões do mundo até agora descobertas. Podemos descobrir produtos e horizontes total-

mente desconhecidos, porque os poderes divinos se manifestam, por certo, nestas solidões inexploradas. É de esperar tudo de uma região de luz eterna! Posso descobrir lá a força misteriosa que atrai a agulha; posso fixar as milhares de observações celestes cujas aparentes anomalias se tornarão talvez explicáveis graças a esta viagem. Tranquilizarei a minha ardente curiosidade perante a vista de uma parte do mundo até hoje desconhecida e poderei, talvez, roçar uma terra que nunca recebeu pegadas de homem. Tais atractivos chegam para vencer quaisquer receios e incitam-me a emprender esta viagem difícil com a alegria de uma criança que se mete num barquinho para explorar o rio da sua terra natal. Mesmo se todas estas suposições fossem falsas, não podes negar o inestimável serviço que seria prestado à humanidade se descobrisse uma passagem do Pólo para as regiões que actualmente levam tantos meses a alcançar; e também, talvez, o segredo do magnetismo que só pode ser efectuado através de um empreendimento como o meu.

Estas reflexões dissiparam a agitação com que comecei a carta. Ardo de entusiasmo porque não há nada que acalme tanto o espírito como uma resolução firme e um objectivo preciso, um ponto em que a alma pode fixar o seu olhar intelectual.

A expedição constituiu o sonho favorito da minha infância. Li com paixão os relatos das diversas viagens empreendidas na esperança de chegar à parte norte do oceano Pacífico, através dos mares que rodeiam o Pólo. Talvez te recordes de que a biblioteca do nosso bom tio Thomas se compunha, em grande parte, de narrativas de explorações. Estudei esses volumes noite e dia, e os conhecimentos que deles retirei mais me fizeram lamentar as derradeiras vontades de meu pai, proibindo o tio de me autorizar a seguir a carreira de navegador.

Tais sonhos desvaneceram-se quando li, pela primeira vez, os poemas cujos versos me arrebataram a alma e a elevaram ao céu. Tornei-me também poeta e, durante um ano, vivi num paraíso criado por mim. Imaginava que poderia igualmente obter um lugar no templo em que os nomes de

Homero e de Shakespeare se acham gravados. Sabes do meu insucesso e do grande desapontamento que sofri. Mas, nessa altura, herdei a fortuna do meu primo e as ideias de viajar voltaram.

Seis anos decorreram desde o dia em que decidi este grande empreendimento e ainda agora me consigo lembrar da hora em que me lhe consagrei. Comecei a endurecer o meu corpo. Acompanhei os pescadores de baleias nos mares do Norte. Suportei voluntariamente a fome, o frio, a sede e a falta de sono; trabalhava muitas vezes durante o dia mais duramente do que os simples marinheiros, e passava as noites a estudar as matemáticas, a medicina e as ciências físicas úteis a um explorador. Engajei-me por duas vezes como marinheiro num baleeiro gronelandês e consegui a estima de todos. Devo confessar que me senti muito vaidoso quando o comandante me convidou a ser o imediato a bordo e me suplicou que ficasse, tanto apreciava os meus serviços.

E agora, querida Margaret, não mereço eu realizar um grande feito? Teria podido passar a vida no conforto e no luxo, mas preferi a glória a todas as tentações da riqueza. Estou firmemente decidido, mas ainda duvido do êxito e sinto-me muitas vezes desmoralizado. Vou partir para uma longa e difícil viagem cheia de imprevisto e necessito de toda a minha força de ânimo. Devo não só sustentar a coragem dos outros mas também, algumas vezes, a minha quando a deles enfraquecer.

É a época mais favorável para viajar na Rússia. Avança-se rapidamente de trenó; este modo de transporte é, na minha opinião, mais agradável do que uma diligência inglesa. O frio não é excessivo mas temos de cobrir-nos de peles, porque há uma enorme diferença entre percorrer em grandes passadas o convés de um barco e ficar sentado durante horas sem fazer nenhum exercício para impedir o sangue de gelar literalmente nas veias. Não tenciono morrer desta maneira na estrada entre Sampetersburgo e Arcângel.

Ficarei duas ou três semanas nesta cidade, o tempo de alugar um barco, coisa possível, pagando um seguro e engajando a tripulação necessária entre os marinheiros habitua-

dos à pesca da baleia. Não conto embarcar antes do mês de Junho, mas quando voltarei? Se triunfar, minha querida irmã, muitos meses, talvez anos, se escoarão antes de nos voltarmos a ver. Se falhar, ver-me-ás em breve ou nunca.

Adeus, minha querida e excelente Margaret. Que os céus te abençoem, e me salvem, para que eu possa, uma e outra vez, testemunhar a minha gratidão por todo o teu amor e bondade.

O teu irmão afectuoso,

R. Walton

Segunda Carta

Para Mrs. Saville, Inglaterra.

Arcângel, 28 de Março de 17..

Como o tempo passa lentamente aqui, rodeado como estou pelo gelo e pela neve! No entanto, um segundo passo foi dado em direcção ao meu objectivo: aluguei um navio e engajei marinheiros. Os que já tenho parecem ser homens seguros e de uma coragem a toda a prova.

Mas sinto um desejo que ainda não pude satisfazer e que é mais violento do que nunca. Não tenho um único amigo, Margaret. Quando for arrebatado pelo entusiasmo do êxito, ninguém participará da minha alegria; se me invadir o desencorajamento, ninguém tentará reconfortar-me. Confiarei, é certo, as minhas ideias à pena, mas é um meio insuficiente para comunicar tais sentimentos. Desejo a presença de um homem que me compreenda e cujo olhar responda ao meu. Vais, sem dúvida, achar-me um pouco romanesco, mas sofro cruelmente da ausência de uma tal amizade. Não tenho ninguém perto de mim que alie o affecto à coragem, a reflexão à audácia, que possua os mesmos gostos que eu, que aprove ou critique os meus projectos.

Como um tal amigo refrearia os impulsos do teu pobre irmão! Agi depressa de mais e sinto-me excessivamente impaciente perante as dificuldades. A minha desgraça maior é

ter-me educado a mim mesmo. Durante os primeiros catorze anos da minha vida corri pelos campos como um jovem animal selvagem e apenas li os livros de aventuras do tio Thomas. Nessa idade conheci os poetas célebres do nosso país e foi só quando percebi que já não podia colher qualquer benefício das minhas relações com eles que compreendi a necessidade de aprender outras línguas além da minha. Agora tenho vinte e oito anos e acho-me, na verdade, menos culto do que muitos rapazes de quinze anos. É certo que reflecti mais e que os meus pensamentos são mais elevados e mais vastos; mas eles precisam (como dizem os pintores) de ser «fixados» e, por certo, ser-me-ia indispensável um amigo com raciocínio bastante para não zombar do meu espírito romanesco, e affecto para tentar pôr ordem nas minhas ideias.

Mas estas queixas são inúteis. Não descobrirei certamente amigo em pleno mar, nem sequer aqui, em Arcângel, entre os mercadores e os marinheiros. Todavia, estes homens duros possuem sentimentos que não se ligam com a rudeza da sua natureza. O meu adjunto, por exemplo, é um homem cheio de coragem e de uma audácia maravilhosa. Ambiciona apaixonadamente o êxito ou, para empregar palavras mais exactas, elevar-se no seu ofício. É inglês: se bem que não seja muito culto, e apesar dos seus preconceitos nacionais e profissionais, possui algumas das mais belas qualidades humanas. Conheci-o num baleeiro e, ao saber que se achava sem trabalho nesta cidade, pude engajá-lo facilmente para me secundar durante a viagem.

O meu imediato é um homem dos mais apreciáveis. Estimam-no a bordo pela sua bondade e destreza de comando. Estas qualidades, além da sua bem conhecida honestidade e grande coragem, tornaram-me desejoso de engajá-lo. A minha juventude, passada debaixo da tua doce e maternal tutela, refinou de tal modo o fundo do meu carácter que não posso lutar contra o imenso desgosto que me provoca a brutalidade das gentes do mar. Nunca a julguei necessária e, quando ouvi falar de um marinheiro conhecido pela sua bondade e ao mesmo tempo respeitado e obedecido pela sua tripulação, senti-me feliz por assegurar os seus serviços.

Tinha ouvido falar dele de um modo bastante romanesco a uma mulher que lhe deve toda a sua felicidade. Aqui vai, em breves palavras, a sua história. Há alguns anos, ele apaixonou-se por uma dama russa de certas posses; e tendo acumulado uma soma considerável em dinheiro, o pai da rapariga consentiu no casamento. Apenas viu a rapariga uma vez antes da cerimónia; mas ela estava banhada em lágrimas e, lançando-se aos pés dele, implorou-lhe que a poupasse, confessando que amava outro homem, mas que este era pobre, e que por esse motivo o pai nunca consentiria numa união. O meu generoso amigo acalmou a dama e, ao tomar conhecimento do nome do amado, desistiu imediatamente dos seus intentos. Já havia comprado uma quinta com o seu dinheiro, na qual tencionara passar o resto dos dias; mas doou tudo ao rival, juntamente com algumas economias para que comprasse gado, e em seguida ele próprio falou com o pai da noiva, pedindo-lhe que consentisse que a filha casasse com o outro. Mas o velho recusou peremptoriamente, julgando-se ligado ao meu amigo por laços de honra. Ao ver a inexorabilidade do pai da dama, deixou o país, só regressando no dia em que a soube casada e feliz. «Que nobre carácter!», dirás tu. É certo, mas não passa de um rústico; é silencioso como um turco, absolutamente indiferente a tudo, atitude que embora torne a sua conduta mais espantosa, diminui o interesse e a simpatia que atrairia sobre si.

Contudo, não suponhas, porque me queixo um pouco ou porque posso conceber um consolo para as minhas labutas, que vacilo nas minhas resoluções. Estas são tão seguras como o destino e a minha viagem só se encontra agora adiada até o tempo permitir o meu embarque.

O Inverno foi muito rude, mas a Primavera mostra-se cheia de promessas e anuncia-se precoce. Talvez possa partir mais cedo do que pensava. Não farei nada no ar; conheces-me bem para teres confiança na minha prudência quando a segurança dos outros me é confiada.

Não posso descrever-te as minhas sensações ante a perspectiva da viagem. É impossível dar-te uma ideia desta espécie de enervamento misto de prazer e de apreensão

com que preparo a expedição. Vou para regiões inexploradas, para o «país do nevoeiro e da neve»; mas não matarei o albatroz e por isso não te inquietes com a minha sorte, mesmo se voltar tão cansado e miserável como o «Velho Marinheiro¹». Esta referência far-te-á sorrir, mas vou revelar-te um segredo. Atribuí muitas vezes a atracção extraordinária que sinto pelos perigosos mistérios do Oceano, a essa obra do mais imaginativo dos nossos poetas modernos. Há algo a agitar-se na minha alma que eu não entendo. Sou um homem muito diligente, cuidadoso e perseverante no trabalho, mas, além disso, existe um amor pelo maravilhoso, uma crença no maravilhoso, interligados em todos os meus projectos, que me impelem para fora dos caminhos comuns percorridos pelos homens, até mesmo para o mar revolto e as regiões não visitadas que estou prestes a explorar.

Mas voltemos a considerações que me são mais caras. Tornarei a ver-te após ter cruzado mares imensos e regressado pelo cabo mais ao sul da África ou da América? Não me atrevo a contar com um tal êxito e, todavia, não posso suportar o pensamento de um fracasso. Continua por enquanto a escrever-me sempre que possas; posso calhar a receber as tuas cartas nos momentos em que tiver maior necessidade de reconforto. Amo-te ternamente. Lembra-te de mim com saudade se tiveres de ficar para sempre sem notícias minhas.

O teu irmão afectuoso,

Robert Walton

¹ Alusão à balada *The Rime of the Ancient Mariner* (1798), da autoria do poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1834). (N. do T.)

Terceira Carta

Para Mrs. Saville, Inglaterra.

7 de Julho de 17..

Minha querida irmã,

Escrevo-te algumas palavras à pressa para te dizer que estou em segurança e que a viagem prossegue. Esta carta chegará a Inglaterra graças a um navio mercante que efectua a viagem de regresso de Arcângel; mais feliz do que eu, que talvez não torne a ver o meu país natal antes de vários anos. Contudo, o moral é bom: os meus homens são resolutos e os gelos que flutuam à nossa volta, anunciando os perigos da região de que nos aproximamos, não parecem inquietá-los. Já atingimos uma latitude elevada; estamos no Verão e os ventos do sul, que nos impelem depressa para as margens que desejo tão ardentemente alcançar, embora menos quentes do que a Inglaterra, trazem-nos uma tepidez benfazeja e inesperada.

Nenhum incidente que valha a pena ser relatado. Uma ou duas tempestades, a reparação de um rombo, são coisas que os navegadores experimentados raramente pensam em contar; e sentir-me-ei satisfeito se nada de pior nos suceder durante a viagem.

Adeus, minha querida Margaret. Fica certa de que tanto por mim como por ti não desafiarei o perigo. Serei calmo e prudente.

O êxito deve coroar os meus esforços. Porque não? Até aqui abri um caminho neste mar que não indica e não conserva qualquer vestígio. Apenas as estrelas são as testemunhas e as provas do meu triunfo. Porque não insistir com os elementos indomados e, não obstante, obedientes? Quem pode parar um coração determinado e a vontade firme de um homem?

O meu coração cansado expande-se involuntariamente para ti. Mas tenho de terminar! Que o Céu te abençoe, minha irmã bem amada!

R. W.

Quarta Carta

Para Mrs. Saville, Inglaterra.

5 de Agosto de 17..

Sucedeu-nos um acontecimento tão estranho que não posso deixar de to contar, embora seja muito provável que me vejas antes de estas palavras te poderem chegar às mãos.

Na passada segunda-feira (31 de Julho), estávamos quase bloqueados pelo gelo que cercava o navio por todos os lados, mal lhe permitindo flutuar. A nossa situação era assaz perigosa porque nos encontrávamos, além disso, rodeados por um nevoeiro espesso. Ficámos na expectativa, à espera de que o tempo clareasse.

Por volta das duas horas, a bruma levantou-se e vimos, em todas as direcções, imensas e irregulares planícies de gelo que pareciam infindáveis. Alguns dos meus companheiros inquietaram-se e mesmo eu comecei a tornar-me ansioso.

De súbito, uma visão estranha atraiu-nos as atenções e fez-nos esquecer a inquietação.

Vimos a dirigir-se para norte, a uma distância de meia milha, um trenó puxado por cães. Um ser de aparência humana, mas de estatura gigantesca, achava-se sentado no trenó e conduzia os cães. Acompanhámos com a nossa luneta a marcha rápida do viajante, que se perdeu por fim nos valados longínquos do gelo.

Esta aparição provocou entre nós um espanto sem nome. Pensávamos estar a várias centenas de milhas de terra, mas esta presença provava-nos que não. Todavia, bloqueados pelo gelo, não podíamos sonhar em seguir o rasto do viajante que, no entanto, observávamos com a maior atenção.

Cerca de duas horas depois deste incidente, ouvimos rosnar o mar debaixo dos nossos pés e, antes da noite, o gelo quebrou-se e libertou o barco. Contudo, permanecemos no local até de manhã, temendo deparar na obscuridade com estas grandes massas que flutuam à deriva quando a crosta se quebra. Aproveitei este tempo para descansar algumas horas.

De manhã, assim que surgiu o dia, subi ao convés. Todos os marinheiros estavam do mesmo lado do navio a conversar com alguém no mar. Era um trenó como o que já tínhamos visto: o vento, durante a noite, havia-o impelido na nossa direcção sobre um banco de gelo.

Dos animais de tiro, um único cão estava vivo; mas encontrava-se a seu lado um ser humano que os marinheiros queriam persuadir a subir para bordo. Não era, como parecia sê-lo, o viajante da véspera, um selvagem habitante de uma ilha inexplorada, mas um europeu. Quando apareci no convés, o imediato anunciou:

– Eis o nosso comandante, e ele não vai permitir que o senhor pereça no mar!

Ao ver-me, o desconhecido dirigiu-se-me em inglês, embora com um sotaque estranho:

– Antes de subir para bordo do seu navio quererá ter a amabilidade de me dizer em que direcção vai?

Podes imaginar a minha surpresa ao ouvir uma semelhante pergunta da parte de um homem em perigo de morte, para quem o meu navio deveria representar um socorro sem preço. Respondi-lhe, porém, que empreendíamos uma viagem de descoberta na direcção do Pólo Norte.

Pareceu satisfeito e consentiu em subir para bordo. Deus do Céu! Margaret, se tivesses visto aquele homem, como ficarias surpreendida! Os seus membros estavam quase gelados e o corpo horrivelmente emagrecido pela fadiga e pelo sofrimento. Nunca vi um ser em estado mais lastimável.

Tentámos transportá-lo para o camarote mas, assim que saiu do ar livre, desmaiou. Fomos obrigados a trazê-lo novamente para o convés e a reanimá-lo esfregando-o com aguardente e forçando-o a beber um pouco. Logo que deu sinal de vida, envolvemo-lo em cobertores e pusemo-lo perto do forno da cozinha. Voltou a si lentamente e comeu um pouco de sopa, que o reconfortou. Passaram dois dias antes de poder falar; e temi muitas vezes que o sofrimento lhe houvesse transtornado o espírito. Quando ficou pouco mais ou menos restabelecido, levei-o para o meu camarote e cuidei dele dentro do que as minhas ocupações mo permitiam. É um ser muito curioso: os olhos têm habitualmente uma expressão perturbada, até um ar de loucura; mas em certos momentos, quando nos ocupamos dele ou lhe prestamos o mais pequeno serviço, toda a sua fisionomia parece iluminar-se com um clarão de bondade e de doçura que ainda nunca vi num ser humano. Mas anda quase sempre triste e desesperado; por vezes, range os dentes como se não pudesse suportar o peso das suas desventuras.

Quando o meu hóspede ficou um pouco restabelecido, tive grandes dificuldades para afastar dele os homens que desejavam fazer-lhe mil perguntas; não queria que o atormentassem com a sua vã curiosidade porque o seu restabelecimento físico e moral exigia, evidentemente, um repouso completo. Uma vez, porém, o adjunto perguntou-lhe porque se aventurara tão longe para o Norte num veículo tão estranho. O rosto adquiriu logo uma expressão profundamente dolorosa e respondeu:

– Para procurar alguém que me fugiu.

– E o homem que perseguia viajava do mesmo modo?

– Sim.

– Então suponho que o vimos, porque, na véspera do dia em que o recolhemos, distinguimos no gelo um trenó no qual ia um homem.

Isto despertou a atenção do desconhecido, que fez mil perguntas acerca da rota que o demónio, tal como ele lhe chamava, tomara. Um pouco mais tarde, quando ficámos sozinhos, disse-me:

– Com certeza despertei tanto a sua curiosidade como a dessa boa gente, mas o senhor é demasiado discreto para me interrogar.

– Certamente! Seria muito incorrecto e desumano da minha parte aborrecê-lo com a minha curiosidade.

– E, no entanto, salvou-me de uma situação estranha e perigosa; devolveu-me generosamente à vida.

Pouco tempo depois perguntou-me se pensava que a rotura da crosta havia engolido o outro trenó. Disse-lhe que não podia afirmá-lo. O gelo quebrara-se por volta da meia-noite apenas e o viajante podia já encontrar-se em lugar seguro; mas nada sabia ao certo.

A partir deste momento um novo ardor animou o corpo enfraquecido do desconhecido. Queria ficar no convés para vigiar o trenó já visto; mas persuadi-o a permanecer no camarote, porque estava fraco de mais para suportar a frescura da atmosfera. Prometi mandar vigiar por ele e pô-lo imediatamente ao corrente se aparecesse alguma coisa.

Tal é o meu diário acerca deste acontecimento estranho. A saúde do desconhecido melhora a pouco e pouco, mas mostra-se muito silencioso e parece incomodado quando alguém, que não seja eu, entra no seu camarote. Todavia, os seus modos são tão afáveis e doces que os marinheiros se interessam por ele. Pela minha parte, começo a amá-lo como a um irmão; e a sua constante e profunda mágoa enche-me de simpatia e de compaixão. Foi certamente uma criatura de escol nos seus bons tempos, porque mesmo na desgraça permanece profundamente simpático.

Contei-te numa das minhas cartas, minha querida Margaret, que não julgava encontrar um amigo durante a minha expedição; no entanto, dei com um homem que gostaria que fosse meu irmão antes de a desgraça o ter alquebrado.

De vez em quando continuarei a escrever o meu diário sobre o estranho, desde que possua novos incidentes para relatar.

A minha afeição pelo meu hóspede aumenta de dia para dia.

Atraíu-me a admiração e a simpatia a um ponto espantoso. Como podia eu ver um ser tão nobre aniquilado pela dor sem sentir a mais profunda mágoa? Mostra-se, porém, amável e ponderado; o seu espírito é cultivado; e quando fala, as suas palavras, escolhidas com a maior cautela, fluem com uma rapidez e uma eloquência inigualáveis.

Agora quase restabelecido, fica sempre no convés, vigiando aparentemente o trenó que precedeu o seu. Apesar do infortúnio, interessa-se imenso pelos projectos dos outros. Falou-me muitas vezes dos meus, revelei-lhos francamente. Seguiu com atenção todos os argumentos favoráveis ao meu êxito e, nos mais ínfimos pormenores, as medidas que tomei para o garantir. Falei de coração nas mãos perante o interesse amigo que manifestava e disse o quanto sacrificava com alegria a fortuna, a vida, todas as esperanças pelo êxito da minha expedição. A vida ou a morte de um homem não são um preço demasiado alto para o domínio que exerceria sobre os elementos, inimigos da nossa raça. Enquanto assim falava, passou uma sombra pelo rosto do meu ouvinte. Primeiro, notei que tentava ocultar a emoção; pôs as mãos em frente dos olhos; a minha voz quebrou-se quando vi correrem-lhe lágrimas e quando ouvi um queixume escapar-se-lhe do peito oprimido. Calei-me. Por fim, falou numa voz sumida:

– Desgraçado! Acaso partilha da minha loucura? Também bebeu a poção maléfica? Ouça-me, deixe-me contar-lhe a minha história, e depois afastará a taça dos lábios!

Estas palavras, podes imaginá-lo, excitaram a minha curiosidade ao máximo. Mas o paroxismo de dor que se apoderou do desconhecido destruiu-lhe as fracas forças e só um demorado repouso conseguiu devolver-lhe a calma.

Tendo vencido a violência dos seus sentimentos, pareceu desprezar-se por tê-los mostrado e, dominando o desespero, incitou-me a voltar a falar de mim. Pediu-me a história da

minha infância. Depressa foi contada, mas despertou uma série de reflexões. Falei-lhe no meu desejo de encontrar um amigo, na minha sede de descobrir uma alma irmã; e exprimia a convicção de que um homem que não tem esta benesse não pode gabar-se de ser feliz.

– Sou da sua opinião – respondeu o desconhecido. – Não passamos de criaturas informes e incompletas enquanto um ser mais sábio e superior não nos der ajuda para melhorar a nossa natureza fraca e imperfeita. Possuí um amigo, a mais nobre das criaturas humanas, e posso assim avaliar a amizade. Vós tendes a esperança e o mundo à vossa frente, sem motivos para desesperar. Mas eu... tudo perdi e não posso recomeçar a minha vida.

Ao dizer isto, o seu rosto adquiriu uma expressão profundamente entristecida que me revolveu até ao coração. Mas permaneceu silencioso e retirou-se logo a seguir para o camarote.

Apesar do desespero, ninguém apreciava mais do que ele os encantos da natureza. O céu estrelado, o mar e a paisagem destas regiões maravilhosas parecem elevar ainda mais a sua alma acima da terra. Um tal homem tem uma existência dupla; sofre desesperadamente mas, quando se recolhe dentro de si, torna-se semelhante a um espírito que nenhuma mágoa conseguiria atingir.

Vais sorrir do meu entusiasmo por este viajante? Não o farias se o visses. Foste formada pelos livros, longe do mundo, e isso tornou-te difícil, mas deveria permitir-te apreciar melhor ainda os méritos deste homem maravilhoso.

Esforço-me algumas vezes por descobrir qual é a qualidade que ele possui e que o eleva tão desmesuradamente acima das outras pessoas que conheci. Acho que é uma percepção intuitiva, uma rápida mas infalível faculdade de julgar, uma penetração nas causas das coisas, sem igual em clareza e precisão; acrescenta a isto uma facilidade de expressão e uma voz cujas variadas entoações são como música para a alma.

O desconhecido disse-me ontem:

– Com certeza vos désteis facilmente conta, comandante Walton, de que padeci infortúnios sem nome. Tinha decidido, a certa altura, que a sua lembrança morreria comigo. Mas haveis-me levado a mudar de ideias. Buscais, como eu fiz, a luz e a sabedoria; e espero ardentemente que a recompensa dos vossos esforços não seja como uma serpente que vos pique, porque foi isso que me aconteceu. Ignoro, porém, se a narrativa dos meus infortúnios vos será útil, pois seguis a mesma rota que eu, expondo-vos aos mesmos perigos e podereis talvez aproveitar a minha experiência.

«Se nos encontrássemos em paisagens mais calmas, temeria a vossa incredulidade, talvez até os vossos sarcasmos, mas muitas coisas, que fariam rir os que não conhecem todas as forças da natureza, podem parecer possíveis nestas regiões misteriosas e selvagens, que provocariam o riso dos desconhecedores dos sempre variados poderes da natureza; nem posso duvidar de que a minha história transmite a prova interior da verdade dos acontecimentos que a compõem.»

Podes facilmente imaginar como lhe fiquei grato pela comunicação que me ofereceu, mas não podia suportar que renovasse as suas mágoas com um recital dos seus infortúnios. Senti-me ansioso por ouvir a prometida narrativa, em parte por curiosidade e em parte devido a um forte desejo de melhorar o seu destino se tal estivesse em meu poder. Expressei estes sentimentos na minha resposta.

– Agradeço-vos – replicou ele – a vossa simpatia, mas não tem préstimo; o meu destino acha-se quase cumprido. Aguardo apenas um acontecimento e depois descansarei em paz. Compreendo os vossos sentimentos – continuou, ao aperceber-se de que eu pretendia interrompê-lo –, mas estais enganado, meu amigo, se me permitis que vos trate assim; nada pode mudar o meu destino; escutai a minha história e perceberéis quão irrevogavelmente ele está determinado.

Disse-me então que começaria a sua narrativa no dia seguinte quando eu estivesse desocupado. Esta promessa arrancou-me os mais calorosos agradecimentos. Resolvi que todas as noites, quando não me encontrasse imperativamente ocupado com as minhas obrigações, registaria, tanto quanto possível nas suas próprias palavras, o que relatasse durante o dia. Se estiver ocupado, tomarei, pelo menos, algumas notas. Este manuscrito dar-te-á, sem dúvida, um grande prazer, mas para mim, que o conheço e o recebo dos seus lábios... com que interesse e simpatia o hei-de ler num dia futuro! Mesmo agora, quando dou início ao meu trabalho, a sua voz cheia ecoa-me nos ouvidos; os seus olhos brilhantes fitam-me com toda a sua suave melancolia; vejo a sua mão fraca agitar-se, enquanto os delineamentos do seu rosto são irradiados pela alma. Estranha e pungente deve ser a sua história, apavorante a tempestade que envolveu a frágil embarcação no seu rumo e a fez naufragar... assim!

Capítulo Primeiro

Sou genebrino de nascimento e pertenço a uma das mais importantes famílias desta república. Os meus antepassados foram conselheiros e síndicos durante longos anos. O meu pai adquiriu uma reputação excelente no desempenho com honra de diversas funções públicas.

Passou a juventude a ocupar-se sem tréguas dos negócios do seu país. Apenas no declínio da vida tomou mulher e tornou-se pai de família. Como o casamento explica o seu carácter, não posso deixar de vo-lo contar. Um dos seus amigos íntimos, chamado Beaufort, que era negociante, depois de ter vivido uma situação florescente, viu-se arruinado. Este homem possuía um carácter orgulhoso e íntegro, e não pôde suportar a ideia de viver pobre na cidade que o tinha visto rico. Após ter pago escrupulosamente as dívidas, retirou-se com a filha para a cidade de Lucerna onde viveu na obscuridade. O meu pai apreciava profundamente Beaufort e sentiu-se muito triste com o seu afastamento. Ele deplorou com amargura o falso orgulho que levou o seu amigo a agir segundo uma conduta tão pouco meritória do afecto que os unia. Não perdeu tempo e procurou-o, na esperança de o convencer a começar de novo com o seu apoio.

Beaufort conseguira ocultar-se e dez meses passaram antes de o meu pai poder encontrá-lo. Encantado com a sua descoberta, apressou-se a partir para a casa situada numa

rua miserável perto de Reuss. Mas quando entrou, deu logo com miséria e desespero. Beaufort apenas salvara da derrocada uma pequena quantia, que mal chegava para lhe permitir viver durante alguns meses. Contava arranjar, entretanto, um emprego digno, em casa de um negociante, mas a inacção pesava-lhe de tal modo que, ao fim de três meses, caiu doente.

A filha tratou-o com a maior afeição, mas viu com desespero que a sua pequena reserva diminuía rapidamente e não havia nenhum auxílio em perspectiva. Contudo, Caroline possuía uma força de carácter pouco comum, e a sua coragem aumentou para assistir ao pai na adversidade. Arranjou pequenos trabalhos; entrançou vergas para fazer cestos e conseguiu ganhar com que viver.

Vários meses decorreram desta maneira. O estado do pai piorou. Ela passou o tempo a tratá-lo; ao fim de dez meses, Beaufort morreu-lhe nos braços, deixando-a sozinha e sem nenhuns recursos. Acabrunhada, chorava amargamente, ajoelhada junto do caixão, quando o meu pai entrou no quarto. Ela entregou-se nas suas mãos. Depois do enterro levou-a para Genebra onde a confiou a gente de confiança. Passados dois anos, Caroline tornou-se sua mulher.

Havia uma grande diferença de idade entre os meus pais, mas isso até parecia aumentar-lhes a afeição. O meu pai possuía um sentido de justiça que o teria impedido de amar se não estimasse. Entrava admiração no seu entusiasmo pela mulher. Talvez durante os primeiros tempos ele tivesse julgado não ser merecedor do seu afecto e, por isso, dispôs-se a esforçar-se ainda mais. Havia um misto de gratidão e devoção no seu relacionamento com a minha mãe, totalmente diferente do afecto da idade, pois era inspirado pela reverência das suas virtudes e pelo desejo de recompensá-la pelo que ela já sofrera. Tudo fazia para lhe satisfazer os desejos e assegurar o conforto. Esforçava-se por protegê-la tanto como um jardineiro protege as suas plantas exóticas de todos os ventos fortes e cercava-a de tudo quanto pudesse despertar-lhe emoções agradáveis e um espírito benevolente. A saúde de minha mãe ficara comprometida com tudo por

que passara. Durante os dois anos que precederam o casamento, o meu pai abandonara aos poucos as suas funções públicas e, logo a seguir à sua união, foram procurar uma mudança de atmosfera sob o agradável céu de Itália. Visitaram juntos a Alemanha e a França. Eu, o filho mais velho, nasci em Nápoles e, desde muito pequeno, acompanhei-os nas suas excursões. Fiquei filho único durante vários anos. Os carinhos enternecidos de minha mãe e o sorriso feliz de meu pai quando me fitava constituem as minhas primeiras recordações. Era o brinquedo e o amor deles e, para tudo dizer, o seu filho, o ser inocente e fraco dado pelo Céu para o educarem para o bem.

Em cada hora da minha infância recebi uma lição de paciência e de caridade; era como que guiado por um fio de ouro, de tal forma que a vida me parecia uma série de alegrias.

Durante muito tempo, fui o único pensamento dos meus pais. No entanto, a minha mãe desejava antes ter uma filha. Completara quase cinco anos quando fizeram uma excursão a Itália e passaram uma semana nas margens do lago de Como. A sua caridade levava-os muitas vezes a entrar na casa dos pobres. Para minha mãe isso representava mais do que um dever: era, em lembrança do que sofrera, o desejo de tornar-se, por sua vez, o anjo protector dos infelizes. Durante um dos seus passeios, uma pobre choça no oco de um vale atraiu-lhes a atenção. À sua volta brincavam crianças vestidas de andrajos; tudo revelava a miséria mais sombria. Um dia em que o meu pai seguira sozinho para Milão, a minha mãe levou-me a visitar essa casa. Demos com um camponês e a mulher a distribuir uma magra refeição a cinco crianças esfomeadas. Uma delas atraiu particularmente a nossa atenção. Era uma rapariguinha que parecia de uma raça diferente. As quatro crianças restantes eram sólidos rapagões pequenos de olhos negros, mas ela era delgada e muito loura, os cabelos tinham tons vivos, brilhantes e dourados e, apesar da pobreza da roupa, parecia usar uma coroa na cabeça. A sua testa era clara e ampla, os olhos de um azul límpido, e os lábios e a forma do rosto eram tão

expressivos de sensibilidade e doçura que ninguém podia contemplá-la sem ver nela uma grande distinção, um ente descido do céu que revelava em todas as suas feições a marca celestial.

A camponesa, ao ver que a minha mãe fitava aquela encantadora menina com admiração, apressou-se a contar-lhe a sua história. A mãe, uma alemã, morrera ao deitá-la ao mundo, tinham-na deixado em casa desta boa gente, que na altura era mais abastada, o pai da menina era um italiano educado na lembrança da antiga glória da Itália, um dos *shiaivi ognor frementi* que lutavam pela liberdade do seu país. Tornou-se a vítima do seu ideal e não se sabia se tinha morrido ou se definhava numa prisão austríaca. Os seus bens foram confiscados, a filha tornou-se órfã e pobre, ficou em casa dos pais de leite e desabrochou naquele casebre sombrio, mais bela do que uma rosa no meio das sarças.

Quando o meu pai regressou de Milão, encontrou, a brincar comigo no vestíbulo da nossa moradia, uma menina mais bonita do que os anjos, cujo rosto parecia irradiar luz e cujos movimentos eram mais leves do que os das cabras-monteses nas montanhas. A aparição depressa foi explicada. Com a sua licença, a minha mãe conseguiu convencer os rústicos guardiões a deixá-la encarregar-se dela. Gostavam da meiga órfã. A sua presença parecera-lhes uma bênção, mas seria injusto criá-la na pobreza quando a Providência lhe proporcionou uma tão poderosa protecção. Os pobres camponeses consentiram após consultarem o cura da aldeia, e Elizabeth Lavenza veio viver com os meus pais. Tornou-se mais do que minha irmã, a minha bela e adorada companheira para todas as tarefas e prazeres. Toda a gente gostava dela. A inclinação apaixonada e quase respeitosa que todos sentiam por ela, tornou-se, porque a compartilhava, o meu orgulho e a minha alegria. Na véspera do dia em que foi levada para nossa casa, a minha mãe disse-me a rir:

– Tenho um lindo presente para o meu Victor, que o vai receber amanhã.

E quando, no dia seguinte, me anunciou que Elizabeth era o presente prometido, com o ar sério de uma criança

tomei à letra as suas palavras, considerando Elizabeth como minha... minha apenas, para protegê-la, amá-la e acarinhá-la. Tratávamo-nos familiarmente pelo nome de primos. Nenhuma palavra, nenhuma expressão podem dar uma ideia do que ela era para mim... mais do que uma irmã... pois até morrer iria ser só minha.

